



OPINIÃO

Cuidar da saúde animal é chave para agronegócio mais eficiente e responsável

Luiz Monteiro (*)

A saúde animal ocupa um papel importante no desenvolvimento do agronegócio e da economia brasileira.

Muito além do cuidado com os rebanhos, ela é essencial para assegurar produtividade no campo, segurança alimentar, sustentabilidade ambiental e competitividade nos mercados internacionais. Dados do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan) reforçam essa relevância. Em 2024, 47% do faturamento do setor de saúde animal esteve diretamente ligado à pecuária, demonstrando que o investimento em prevenção e bem-estar é parte essencial da engrenagem produtiva que move o campo brasileiro. Cuidar da saúde dos rebanhos significa tornar os sistemas de produção mais eficientes, garantir alimentos de maior qualidade e atender aos rigorosos padrões sanitários exigidos pelos mercados globais.

O Brasil se destaca como um dos maiores produtores e exportadores mundiais de carne bovina, suína e de frango. Esse protagonismo só é possível acompanhado de uma sólida estrutura sanitária, que exige investimentos contínuos em prevenção de doenças, vacinação, monitoramento e inovação em produtos veterinários. Produtos veterinários como antiparasitários, antimicrobianos, biológicos e suplementos desempenham papel essencial na manutenção da saúde dos rebanhos, influenciando diretamente o desempenho zootécnico dos animais e a competitividade da produção. Ao mesmo tempo, garantem a rastreabilidade e a segurança dos alimentos de origem animal que chegam à mesa do consumidor.

Mas é a conexão entre saúde animal e sustentabilidade que o tema ganha dimensão global. Animais saudáveis produzem mais com menos recursos, o que significa menor uso de insumos, menor emissão de gases de efeito estufa por quilo de carne ou litro de leite produzido, além de evitar a ampliação de áreas de pastagem. Isso torna a atividade mais eficiente e ambientalmente responsável, contribuindo diretamente para a preservação dos biomas e para o cumprimento das metas climáticas. A pauta ganha ainda mais relevância com a proximidade da COP 30, que

(*) Diretor técnico do Sindan.

Colheita de milho exige atenção no combate à lagarta-do-cartucho

Com expectativa de colheita recorde de 128,3 milhões de toneladas de milho em 2025, o Brasil reforça sua posição entre os maiores produtores globais do grão. Impulsionada por condições climáticas favoráveis e boas práticas no campo, a segunda safra, em andamento, deve representar 101 milhões de toneladas, alta de 12,2% em relação ao ciclo anterior, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

No entanto, em meio ao cenário otimista, o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg) alerta para um risco crescente nas lavouras: a volta da lagarta-

-do-cartucho (*Spodoptera frugiperda*) como principal praga da cultura. A entidade observa que a espécie tem apresentado resistência a algumas tecnologias e, além disso, os ataques têm ocorrido de forma antecipada, exigindo atenção desde as fases iniciais da plantação.

A lagarta-do-cartucho voltou a preocupar os produtores justamente por atacar precocemente e causar danos severos em folhas, espigas e no colo das plantas, o que pode comprometer o desenvolvimento e a produtividade da lavoura", explica o gerente de Assuntos Regulatórios do Sindiveg, Fábio Kagi (www.sindiveg.com.br).

Como ficam os preços de pescados, frutas, carnes e café no Brasil com tarifaço dos EUA?

Redirecionamento das exportações para o mercado interno deve reduzir os preços de alimentos nos próximos meses, mas a retração da produção pode gerar efeito contrário a médio prazo. Rogério Marin, CEO da Tek Trade e presidente do Sinditrade, explica as tendências dos produtos mais afetados pela medida e alerta que é necessário agilidade para encontrar novos mercados compradores.

As tarifas de importação de até 50% impostas pelos Estados Unidos sobre produtos brasileiros, em vigor desde 6 de agosto, têm gerado impactos significativos no mercado interno brasileiro. Alimentos como pescados, frutas, carnes e café, que possuem forte presença no mercado americano, estão sendo redirecionados para o consumo doméstico, o que pode aumentar a oferta e pressionar os preços para baixo no curto prazo. No entanto, especialistas alertam para o risco de retração na produção e possível alta de preços a médio prazo. Rogério Marin, CEO da Tek Trade e presidente do Sindicato das Empresas de Comércio Exterior de Santa Catarina (Sinditrade), analisa as tendências e os desafios para o setor agropecuário brasileiro.

Pescados: queda de preços no curto prazo

O setor de pescados, especialmente a tilápia, é um dos mais afetados pela medida, pois destinou cerca de 60% das exportações aos EUA em 2024 e movimentou aproximadamente US\$ 240 milhões. Com as tarifas, empresas exportadoras de tilápia já registram queda de quase um terço nas exportações para os EUA. "A tilápia é perecível, e o excesso precisa ser escoado rapidamente no mercado interno, o que deve reduzir os preços nos próximos meses", explica Marin. Dados do IPCA-15 de julho apontam uma queda de 2,03% nos preços dos pescados, refletindo o aumento da oferta interna. Outros produtos, como camarão e lagosta, também enfrentam pressão semelhante, conforme o especialista.

No entanto, a médio prazo, a redução nas exportações pode levar a cortes na produção. A Associação Brasileira das Indústrias de Pescados estima que cerca de 20 mil empregos estão em risco devido à diminuição da demanda externa. Marin alerta: "A incapacidade de encontrar novos mercados rapidamente pode forçar empresas a reduzir a produção, o que elevaria os preços no futuro".

Frutas: oferta elevada pressiona preços

As frutas, como manga, uva e açaí, também sofrem com o tarifaço. Em 2024, o Brasil exportou mais de 1 milhão de toneladas de frutas, com os EUA absorvendo uma parcela significativa, incluindo 77 mil toneladas de manga e uva. A Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas) projeta uma redução de até 90% nessas exportações. No Vale do São Francisco, responsável por mais de 90% das exportações de manga e uva, o preço da manga tommy caiu 4% entre 14 e 18 de julho,

Foto: CNA/Valter Campanato



“A incapacidade de encontrar novos mercados rapidamente pode forçar empresas a reduzir a produção, o que elevaria os preços no futuro”

atingindo R\$ 1,36 por quilo, e pode chegar a R\$ 0,30 se o excedente não for absorvido.

"A oferta interna elevada deve beneficiar o consumidor com preços mais baixos no curto prazo, especialmente para manga e uva, que registraram queda de 4,28% no IPCA-15 de julho", observa Marin. O açaí, por ser um produto mais voltado ao mercado interno, deve sofrer menos impacto. Contudo, a perecibilidade das frutas limita estratégias de estocagem, e produtores podem enfrentar prejuízos se os preços cairem excessivamente.

Carne bovina: alívio temporário com incertezas

A carne bovina, com exportações de 532 mil toneladas para os EUA em 2024 (16,7% do total, equivalente a US\$ 1,6 bilhão), enfrenta desafios significativos. A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) estima uma perda de até US\$ 1 bilhão em receitas anuais. Entre 24 de junho e 21 de julho, o preço da carne no atacado caiu 7,8%, e a arroba do boi gordo recuou 7,5%, tendência que deve chegar ao varejo entre agosto e setembro.

"No curto prazo, o consumidor verá preços mais acessíveis, já que frigoríficos como JBS e Minerva estão redirecionando a produção para o mercado interno ou para outros países, como Chile e China", diz Marin. No entanto, ele alerta que, se a demanda internacional não for recomposta, os frigoríficos podem reduzir os abates, o que elevaria os preços a médio prazo. O

IPCA-15 de julho registrou uma queda de 0,36% nos preços das carnes.

Café: estabilidade com risco de queda

Diferentemente de outros produtos, o café apresentou alta de 6,8% nas cotações em Nova York entre 14 e 17 de julho, devido à expectativa das tarifas, impactando o mercado interno, onde o preço da saca de 60 quilos subiu de R\$ 1.602 para R\$ 1.803. O Brasil, maior exportador global, enviou quase US\$ 2 bilhões em café para os EUA em 2024, representando 16,7% das exportações do produto. Apesar disso, Marin projeta que, se o volume destinado aos EUA não for absorvido por outros mercados, os estoques internos podem crescer, pressionando os preços para baixo. "O café moído já registrou queda de 0,36% no IPCA-15 de julho, mas o comportamento futuro dependerá da capacidade de redirecionar as exportações", explica.

Perspectivas e estratégias

O governo brasileiro, liderado pelo vice-presidente Geraldo Alckmin, busca novos mercados, como Angola, México, União Europeia e China, para mitigar os impactos do tarifaço. O ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, expressou otimismo sobre a possível isenção de tarifas para carne, café e pescados, destacando que 65% das exportações agrícolas já foram excluídas da taxação. Produtos como suco de laranja, petróleo e minério de ferro estão isentos, aliviando parte do setor agropecuário.

Marin enfatiza a necessidade de agilidade: "Redirecionar exportações exige tempo e adaptação a exigências sanitárias e logísticas de novos mercados. Enquanto isso, o consumidor brasileiro pode se beneficiar de preços mais baixos, mas deve se preparar para oscilações no segundo semestre e em 2026". Ele destaca que a Tek Trade também está auxiliando empresas a explorar mercados alternativos, mas o processo é complexo e pode levar meses.

Alta dos fertilizantes pressiona produtores na safra 2025/26 e piora relação de troca no Brasil

Os meses que antecedem a safra 2025/26 têm sido marcados por forte pressão de alta nos custos dos fertilizantes no Brasil. De acordo com o relatório semanal de fertilizantes da StoneX, empresa global de serviços financeiros, entre janeiro e meados de agosto, os preços da ureia nos portos brasileiros subiram cerca de 33%. No mesmo período, o MAP (fosfatado amplamente utilizado no país) avançou 19%, enquanto o cloreto de potássio registrou alta de 20%.

No Brasil, os preços elevados no mercado de fertilizantes podem impor um sério desafio para os agricultores. Segundo o analista de Inteligência de Mercado, Tomás Pernías, as relações de troca entre a soja e o MAP já estão nos piores níveis dos últimos anos, situação que tende a inibir o consumo desse fertilizante e colocar os agricultores em postura de cautela para planejar novas aquisições de insumos.

"A demanda indiana tem sustentado as cotações desse nitrogenado, e isso, somado a uma queda no preço do milho, reduziu a atratividade das relações de troca no Brasil", ressalta Pernías.



Tomás Pernías, analista de Inteligência de Mercado StoneX

reforçar a pressão sobre os preços, reduzindo as chances de alívio no curto prazo. "Esse contexto reforça a necessidade do produtor adotar um bom gerenciamento de custos e de riscos", pontua Pernías.

Além do custo elevado dos insumos, o produtor brasileiro enfrenta em 2025 condições de crédito mais onerosas, aumentando o desafio financeiro para viabilizar a safra.

Escalada global

"Essa escalada, porém, não é exclusividade do mercado brasileiro. A Índia, em plena safra Kharif, e até mesmo os Estados Unidos — fora de sua alta temporada de compras — também enfrentam preços elevados no complexo NPK", diz o analista de Inteligência de Mercado.

Segundo o relatório, o movimento de alta está diretamente ligado ao aperto na relação entre oferta e demanda global. A China, tradicional fornecedora para diversos países, tem restringido exportações para garantir seu abastecimento interno. Ao mesmo tempo, a forte demanda da Índia, um dos maiores importadores mundiais, tem sustentado os preços internacionais.